

A GESTÃO EDUCACIONAL E O *BULLYING*: UM ESTUDO EM ESCOLAS PORTUGUESAS¹

Lélio Moura Lourenço¹

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
leliomlourengo@yahoo.com.br

Beatriz Pereira

Universidade do Minho, Portugal
beatriz@iec.uminho.pt

Débora Pereira Paiva

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
deborappaiva@yahoo.com.br

Carla Gebara

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
carla_gebara@yahoo.com.br

Resumo

A violência escolar tem sido alvo de uma preocupação crescente nas últimas duas décadas, nota-se um grande aumento da investigação sobre o tema, em especial sobre um tipo específico de violência escolar – o *bullying*.

O *bullying* pode ser definido como uma ação em que um ou mais indivíduos agredem física, verbal ou emocionalmente outro indivíduo. O fenómeno se apresenta como um padrão repetido de intimidação física e psicológica, cuja intenção é provocar mal-estar, dominar socialmente (e fisicamente) o outro e demonstrar poder perante o grupo social. Os conflitos provenientes do *bullying* afetam as relações formais e informais entre os alunos podendo atingir situações de agressividade e violência.

Tendo em vista estes aspectos, a pesquisa delineou-se com o objectivo de identificar, compreender a dimensão do problema e analisar os níveis de *bullying* num

¹ Este estudo foi realizado em parceria com a Sub-Região de Saúde de Bragança, Portugal. Agradecimento aos Agrupamentos das Escolas: Augusto Moreno; Paulo Quintela; Alfândega da Fé; Vimioso; Vinhais; Mogadouro; Macedo de Cavaleiros; Miranda do Douro; Luciano Cordeiro de Mirandela; Torre Dona Chama; Izeda; Sendim; Vila Flor; Torre de Moncorvo; Carrazeda de Ansiães; Freixo de Espada à Cinta.



conjunto de agrupamento de escolas da Sub-Região de Saúde de Bragança, no nordeste de Portugal. Almeja-se ainda perceber a quem é que as crianças pedem ajuda em situação de vitimação uma vez que a rede de apoios é importante para desenhar linhas fundamentais do programa de intervenção.

Os resultados apontam que 36,4% dos alunos respondentes afirmaram terem sofrido agressão, uma, duas ou mais vezes. Salienta-se que a maior parte das agressões ocorre no recreio. Por fim, ressalta-se que mais de 70% dos alunos inquiridos apontaram apreciar a presença de professores e principalmente de funcionários, no ambiente do recreio.

Palavras-chave: Bullying; Gestão educacional e escolas portuguesas.

Abstract

School violence has been the subject of growing concern in the last two decades, there is a large increase in research on the topic, especially on one particular type of school violence - bullying.

Bullying can be defined as an action in which one or more individuals assaulted physically, verbally or emotionally another person. The phenomenon presents itself as a repeating pattern of physical and psychological intimidation, intended to cause discomfort, dominate socially (and physically) each other and can demonstrate to the social group. Conflicts from the bullying affect the formal and informal relationships between students can reach positions of aggression and violence.

Considering these aspects, the research was outlined in order to identify, understand the scale of the problem and analyze the level of bullying in a number of school cluster the Sub-Region of Health of Portugal, in north-eastern Portugal. It also aims to realize who are the children ask for help in a situation of victimization as a support network is important to draw lines of the intervention program.

The results show that 36.4% of students' respondents said they suffered aggression, one, two or more times. Note that the majority of violence occurs in the playground. Finally, we emphasize that more than 70% of students surveyed indicated assess the presence of teachers and staff especially in the environment of the playground.

Keywords: Bullying; Educational administration and Portuguese schools.

Introdução

A temática da violência escolar tem sido alvo de uma preocupação crescente nas últimas duas décadas, tanto por parte da sociedade em geral, quanto, especificamente, por parte da comunidade escolar. Neste tipo de comportamento estão envolvidos: o agressor, o agredido, o grupo dos colegas, a própria instituição (professores, gestores escolares) e as famílias (a do agressor, a da vítima e os pais, em geral).

Essa preocupação com a temática da violência traduz-se no grande aumento da investigação sobre o tema, em especial sobre um tipo específico de violência escolar – o *bullying*. O *bullying* pode ser definido como uma ação em que um ou mais indivíduos agredem física, verbal ou emocionalmente outro indivíduo. O fenômeno se apresenta como um padrão repetido de intimidação física e psicológica, cuja intenção é provocar mal-estar, dominar socialmente (e fisicamente) o outro e demonstrar poder perante o grupo social (Smith, 1994; Cleary, Sullivan & Sullivan, 2003; Pereira, 2008). Os conflitos podem transformar-se em comportamentos de *bullying* afetando as relações formais e informais entre os alunos, envolvendo por vezes, atos de extorsão, violência física ou verbal, roubo e vandalismo.

Vale ressaltar que o *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima (Lopes & Saavedra, 2003).

De acordo com Seixas (2005), os comportamentos do *bullying* podem ser divididos em: agressividade física (bater, empurrar, dar pontapés etc.); comportamentos verbais (chamar nomes ofensivos etc.); comportamentos de manipulação social ou indiretos (excluir, ignorar, espalhar rumores etc.); comportamentos de maus-tratos psicológicos (ameaças, gestos provocadores, expressões faciais ameaçadoras etc.); e ataques à propriedade (furto, extorsão, destruição deliberada de materiais/objetos etc.).



Pesquisas (Withney & Smith, 1993; Pereira, 2006; Pereira, 2004; Lopes, 2005; Almeida, 2008) revelaram que o *bullying* ocorre principalmente nos anos escolares iniciais. Porém, o tipo de agressão usada varia não só com a idade, mas também com o gênero: os meninos têm maior envolvimento com essa forma de violência e utilizam agressões físicas e verbais, ou seja, usam mais a provocação e a violência física e psicológica. As meninas adotam mais as agressões indiretas usando mais o *bullying* social/psicológico, caracterizado por ofensas, humilhação e disseminação de rumores geradores de exclusão social.

Assim como em várias outras formas de violência, no *bullying*, existe sempre uma relação desigual de poder entre agressor e a sua vítima. Agredir, forçar a dar dinheiro, gozar, xingar (chamar nomes), intimidar, perseguir, ameaçar, ofender, humilhar, discriminar, excluir um indivíduo do grupo, mentir, espalhar boatos ou assédio sexual são alguns exemplos de comportamentos (físicos, verbais, psicológicos e sexuais) de *bullying*, praticados entre os alunos (McGrath, 2007).

Esse tipo de comportamento anti-social desenvolvido no ambiente escolar (entende-se por ambiente escolar, o espaço de aula, recreio, atividades extra classe e também ambientes externos, mas pertencentes à rotina escolar; saída da escola, quarteirões próximos a sala de aula e até espaços virtuais de convivência pós horário de aula) causa um clima de indisciplina e estresse ocupacional, incomodando a todos os atores envolvidos nesse ambiente.

A Gestão Escolar/Educacional e Sua Importância nas Ações Relativas ao Bullying

No que concerne à escola, os seus profissionais devem estar conscientes sobre essa forma de violência e devem ser capacitados para diagnosticar, intervir e preveni-la. O papel da escola é de fundamental importância, devendo disponibilizar espaços para que as crianças possam falar de suas emoções e sentimentos, que discutam, reflitam, disponibilizem jogos e alternativas de lazer e interação social e encontrem soluções para as diversas situações da vida.

É inegável que os fatores que desencadeiam a violência podem estar fora da escola, nos problemas sociais e familiares de cada criança, mas também dentro da escola, ou seja, nos espaços e materiais a que os alunos têm acesso e em um momento (ou espaço), cada vez mais ressaltado no estudo do *bullying*, nos espaços e tempos livres.

Em um estudo voltado para gestão do *bullying*, Mascarenhas (2006) ressalta que o diagnóstico e a gestão do *bullying* e da indisciplina no ambiente escolar devem ser atividades de rotina. Além disto, o autor acrescenta que, o professor e os outros profissionais que trabalham na escola, devem planejar o diagnóstico e a prevenção do *bullying* e da indisciplina no estabelecimento onde atuam, no sentido de fazer cumprir e respeitar os direitos e deveres da cidadania, contribuindo para o fortalecimento de fundamentos da sociedade que se quer democrática, justa e solidária.

Sem dúvida, as relações entre pares têm um papel fundamental no desenvolvimento humano. Bolger *et al.* (1988) apostam que relações saudáveis promovem o desenvolvimento do julgamento moral, da cooperação e da reciprocidade. A experiência escolar passa a ser um fator importante na vida da criança e do adolescente, sendo que a mesma contribui de forma categórica para diferentes caminhos no desenvolvimento dos jovens. Nesse sentido, a escola deve prover proteção e projetos institucionais que representem não só uma porta aberta para um significativo desenvolvimento cognitivo dos jovens, mas também o desenvolvimento de recursos e mecanismos como: auto estima, alternativas de estudo e de profissionalização, entre outros fatores. A não concretização dessas metas, sob qualquer perspectiva, vai interferir na formação da auto-estima desse jovem, diminuindo as perspectivas profissionais e até pessoais dos envolvidos. O *bullying* pode ser considerado, nesse campo, como um fator de forte interferência negativa, já que desorganiza as referências pessoais (auto estima, auto imagem e auto eficácia) como também as referências institucionais, ou seja, a escola enquanto espaço de aprendizagem, de vínculo e de proteção, não cumpriria prioritariamente o seu papel.

No que diz respeito às intervenções em situação de recreio, Marques, Neto e Pereira (2002) após investigação sobre a temática, observaram, a partir dos resultados alcançados, que alterações no tipo de recreio produziram reduções nos índices de violência. Vale ressaltar que o recreio com supervisão e material foi o que apresentou um maior poder para reduzir os níveis de agressão. Esse tipo de recreio não só representou uma melhoria na agressividade presente, como também na apreciação do recreio pelas crianças. De forma até certo ponto surpreendente, mais de 60% das crianças (de 7 – 10 anos) participantes da pesquisa responderam que identificam esse tipo de recreio (com supervisão e equipamentos móveis) como o seu favorito. Programas desenvolvidos por Olweus (1993), Smith e Sharp (1994), Pereira (2008) afirmam que para prevenir o *bullying* é necessário envolver toda a comunidade



educativa que é constituída por alunos, professores, funcionários, pais e outros elementos da comunidade local.

Uma hipótese também relevante é a de que a criança é mais verdadeira no recreio. No intervalo e no tempo livre, o aluno muitas vezes muda a sua conduta o que obrigaria a presença da instituição (de uma forma ou de outra) naquele espaço. A simples observação do aluno em aula, não seria suficiente para o desenvolvimento de uma análise mais precisa do papel desse jovem em relação aos seus pares. Esse fator nos leva a perceber o quanto o papel da escola como um todo torna-se fundamental. A observação e o monitoramento devem ser feitos como um todo, sendo que o recreio é o espaço fundamental desse trabalho. O estudo do *bullying* passa pela investigação do que acontece quando os alunos estão entregues a si mesmos, sem o controle de professores. Nas atividades de recreio, é comum que a criança decida as suas atividades. O que se pretende, não é coibir a criatividade do aluno em seu espaço de lazer, mas coibir comportamentos de *bullying* que possam ser marcantes na vida de uma criança vitimizada.

Acreditamos que para caracterizar o *bullying* na escola, a gestão do ambiente escolar é uma das variáveis fundamentais para a sua compreensão e dá suporte às medidas de intervenção a implementar. É fundamental que os investigadores percebam a importância dos gestores nessa realidade e o quanto as ações ou mesmo a falta de ações dos mesmos pode influenciar o clima favorável às relações interpessoais cooperativas ou pelo contrário, agressivas.

Na realidade educacional portuguesa, as atividades de gestão se configuram como ações administrativas focadas, resultando em relações de poder mais centralizadas. Os gestores se destacam como uma “instância de poder”, se voltando aos propósitos decisórios e assumindo possibilidades de promover mudanças ou legitimar situações dadas, impondo direcionalidade ao processo de trabalho em educação.

Para os pais, a atitude da escola nos casos em que esta ignora a situação de *bullying* ou quando a escola não promove a implementação de medidas que visem a solução do problema, cria uma grande revolta devido ao sofrimento que observam nos filhos e por não terem grande capacidade de ajudar e acompanhar o processo na escola. Denunciar a situação representa um momento de grande sofrimento e o esforço realizado na procura de soluções parece não ter efeitos imediatos. Denunciar é um primeiro passo para que se reponha os direitos da criança, se faça justiça para o

seu caso mas também para que situações futuras sejam evitadas com esta e como muitas outras crianças e jovens.

Diante das considerações realizadas no âmbito do enquadramento teórico, esta pesquisa delineou-se com o objectivo de identificar, compreender a dimensão do problema e analisar os níveis de *bullying* num conjunto de agrupamento de escolas da Sub-Região de Saúde de Bragança, no nordeste de Portugal.

Almeja-se ainda perceber a quem é que as crianças pedem ajuda em situação de vitimação uma vez que a rede de apoios é importante para desenhar linhas fundamentais do programa de intervenção. Procuramos responder às seguintes questões: Qual a prevalência do *bullying* entre as crianças e adolescentes na região estudada? Qual a importância da gestão no que concerne aos níveis de *bullying*? Que medidas de intervenção devem ser implementadas no ambiente escolar com prevalência de *bullying*?

Este estudo enquadra-se num projeto mais amplo de investigação que visa diagnosticar o *bullying* e apontar programas de intervenção, nessa região e em três regiões do Brasil: Juiz de Fora - Minas Gerais, Curitiba - Paraná e Ribeirão Preto - São Paulo.

Metodologia

Dando resposta à Sub-Região de Saúde de Bragança, que solicitou a respectiva investigação, foi desenvolvido um estudo descritivo de delineamento transversal a partir de uma amostra de conveniência, o qual permitiu fazer um estudo de associação entre diferentes atributos. O estudo foi realizado em nove concelhos da Sub-Região de Saúde de Bragança (no Alto Trás-os-Montes, no Norte de Portugal) que se disponibilizaram a participar, onde existem treze agrupamentos de escolas públicas do Ensino Básico. O Estudo foi realizado nos 13 agrupamentos, nas escolas do 1º e do 2º ciclos ou seja, com os alunos do 2º ao 6º ano de escolaridade e, ao 1º ano, apenas quando os professores entenderam que as crianças apresentavam competências mínimas de leitura e escrita, nesses casos ele foi administrado também ao 1º ano. O estudo foi realizado em 9 concelhos. É de registar que estes concelhos, sendo do Nordeste transmontano, devido à desertificação e envelhecimento da população eles apresentam um reduzido número de crianças. A realização do estudo e a aplicação do questionário na escola foi autorizado pela Direção – Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC).



A recolha dos dados foi realizada em 2008, por meio de um questionário adaptado de Olweus (1989) para a língua portuguesa. Os alunos responderam ao questionário no horário de aula ou seja, no período normal de funcionamento. O questionário foi administrado pelos professores que receberam previamente algumas informações. Os dados coletados foram submetidos a processamento eletrônico, usando-se o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para análise.

O questionário estava organizado em quatro seções sendo a primeira relativa aos dados sócio-econômicos, a segunda à identificação de comportamentos de vitimação, a terceira de agressão e quarta relativamente à amizade por nomeação de pares e ainda quanto à sua percepção sobre os recreios escolares. O conceito de *bullying* aparecia descrito de forma simples. As crianças eram questionadas sobre a frequência da ocorrência das situações, mas não sobre a gravidade das mesmas, ainda que pudessem descrever algum episódio quando lhes foi solicitado que identificassem o tipo de *bullying* que tinham experienciado na escola.

Foram entrevistadas 3891 crianças do 1º ao 6º ano de escolaridade, de forma a incidir sobre as idades mais baixas, uma vez que este estudo tem objectivos preventivos. Os inquiridos no 1º ano representam apenas 1,7% do total de alunos inquiridos. Nesse estudo específico, os aspectos relativos à gestão do *bullying* foram colocados em destaque, sendo ressaltadas as seguintes questões: o local de agressão e a incidência de *bullying* nesses ambientes, se os alunos vitimados contaram a alguém (uma forma de pedir ajuda) sobre a agressão e, nesse caso, a quem contaram; as preferências desses alunos respondentes sobre esses espaços físicos, a presença do funcionário no recreio e a presença do professor no recreio, o desejo de presença ou não dos representantes (professores, gestores e funcionários) institucionais nesses locais, com destaque para o recreio, ainda segundo esses respondentes e as ações dos professores, gestores e funcionários relacionadas às agressões.

Resultados

Foram questionadas 3891 crianças com idades entre os 5 e os 16 anos, sendo que 98,7% dos respondentes estão entre 6 e 13 anos. No que diz respeito a ter sido vítima, 36,4% dos alunos afirmaram ter sofrido agressão, uma, duas ou mais vezes .

Tabela 1 – Respostas dos alunos quando indagados a respeito de quantas vezes lhes fizeram mal neste período

	Frequência	% válida
Nenhuma	2417	63,6
1 ou 2	916	24,1
3 ou mais	469	12,3
Total	3802	100

Com relação ao local da agressão, observamos uma diferença marcante entre os ambientes estudados na investigação. Na referida pesquisa, 31,5% dos respondentes afirmou que as agressões ocorreram no recreio, enquanto apenas 5,8% apontaram a sala de aula como um espaço de *bullying*. Cinco por cento a mais em relação à sala de aula (10,7%) afirmaram que lhes fizeram mal pelo menos uma vez fora da escola.

Tabela 2 – Frequência e porcentagem da incidência de bullying durante o recreio ou em sala de aula

	No recreio		Na sala de aula	
	Frequência	% válida	Frequência	% válida
Não	2565	68,5	3526	94,2
Sim	1179	31,5	218	5,8
Total	3891	100	3891	100

Os alunos vitimados contaram sobre a agressão sofrida, ao pai ou encarregado da educação, 19,7%; e/ou ao professor ou diretor da turma 17,3%; aos funcionários 20,5%, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 3 – Distribuição de frequência do relato de bullying pelos vitimados

	Disse ao professor ou ao diretor de turma		Disse ao pai ou ao encarregado de educação		Disse a um funcionário	
	Frequência	% válida	Frequência	% válida	Frequência	% válida
Não	3085	82,7	2966	79,5	2966	79,5
Sim	646	17,3	765	19,7	765	20,5
Total	3891	100	3891	100	3891	100



Quanto à presença do funcionário no recreio, 89,5% dos respondentes afirmaram que o mesmo se faz presente. No que concerne à presença do professor no recreio 47,9% afirmaram positivamente quanto a essa presença.

Tabela 4 – Resposta dos alunos com relação à presença dos professores ou funcionário durante o recreio

	Quando você está no recreio existe a presença de um professor		Quando você está no recreio existe a presença de um funcionário	
	Frequência	% válida	Frequência	% válida
Não	1960	52,1	390	10,5
Sim	1804	47,9	3330	89,5
Total	3891	100	3891	100

Nesse sentido, encontramos uma diferença a respeito dos grupos acima descritos. Temos que, 71,9% dos respondentes afirmaram gostar da presença de um professor no recreio, enquanto que 84% afirmaram gostar da presença de um funcionário no recreio, embora, não seja o funcionário o sujeito preferido pelos alunos vitimados para contar sobre o *bullying*.

TABELA 5 – Distribuição de frequência das respostas dos alunos quanto à preferência da presença do professor ou funcionário durante o recreio

	Gosta do professor no recreio		Gosta do funcionário no recreio	
	Frequência	% válida	Frequência	% válida
Não	1038	28,1	592	16
Sim	2655	71,9	3102	84
Total	3891	100	3891	100

Quando os alunos são questionados mais detalhadamente sobre a presença de professores, 20,6% ressaltam pontos negativos em relação à presença dos mesmos no recreio. No entanto, 20,9% afirmam que os professores ajudam quando há problema, mas nessa questão, não explicitam bem esses problemas. Do total dos

respondentes, 17,1% afirmam gostar da presença de professores, porque protegem, brincam e podem jogar com eles, sendo que 4,7% afirmam que os professores tomam conta deles. Estas questões levantam a importância de uma presença mais forte do professor no ambiente escolar, fora da sala de aula, sempre fazendo uma alusão à proteção.

Isso se confirma quando observamos que 8% dos respondentes afirmam sentir-se mais seguros na presença dos professores e, além disso, 3,7% afirmam que os alunos se portam melhor. Entretanto apenas 0,4% dos respondentes falam explicitamente em violência coibida pelo professor (por que não me deixam bater).

Tabela 6 – Resposta dos alunos quando indagados sobre porque gostam da presença dos professores e funcionários no recreio

	Professores		Funcionários	
	Frequência	% válida	Frequência	% válida
Porque ajudam quando há problemas	812	20,9	1172	30,1
Porque nos protegem, brincam e podem jogar conosco	664	17,1	674	17,3
Não estamos à vontade	345	8,9	274	7
Sinto-me mais seguro	313	8	268	6,9
Tomam conta de nós	181	4,7	681	17,5*
NR	691	17,8*	1172	30,1

*Valores na tabela referentes às percentagem encontradas maiores ou igual à 4%.

Quando os alunos são questionados mais detalhadamente sobre a presença de funcionários, 13,5% ressaltam pontos negativos em relação à presença dos mesmos no recreio. No entanto, 30,1% afirmam que os funcionários ajudam quando há problema, mas nessa questão, novamente, não explicitam bem esses problemas, ou seja, não há uma frase explícita sobre violência na escola.

Uma percentagem idêntica à dos que opinaram sobre os professores; 17,3% afirmam gostar da presença de funcionários, “por que nos protegem, brincam e podem jogar conosco”. Entretanto, como já colocado anteriormente, os pontos negativos em relação à presença dos funcionários são menos apontados do que em relação aos professores (13,5% x 20,6%) e um número maior de respondentes ressalta uma presença mais forte dos funcionários nas ações do recreio (30,1% ajudam quando há



problema). Observa-se que, 7,0% dos respondentes afirmam que os funcionários “tomam conta de nós”. Novamente uma alusão à proteção também encontrada quando 6,9% afirmam que sentem-se mais seguros. Vale ressaltar que apenas 1,9% afirmam categoricamente não gostar do recreio, enquanto que 98,1%, em vários níveis, afirmam gostar do recreio.

Tabela 7 – Respostas dos alunos com relação a quantas vezes os professores ou os funcionários tentaram parar os meninos que fizeram mal a outros

	os professores...		os funcionários...	
	Frequência	% válida	Frequência	% válida
Não sei	1953	54,1	1572	43,9
Quase nunca	365	10,1	421	11,7
As vezes	618	17,1	722	20,1
Muitas vezes	676	18,7	869	24,2
Total	3612	100	3584	100

Quanto às ações dos professores, gestores e funcionários relacionadas com as agressões, destaca-se que 54,1% dos alunos afirmaram não saber sobre as intervenções dos professores, enquanto que 43,9% afirmaram isso em relação aos funcionários (vide Tabela 7). Observa-se que 18,7% afirmaram que os professores muitas vezes tentaram parar os alunos que fizeram mal aos outros, enquanto 17,1% apontaram que às vezes os professores tentaram parar os agressores. No entanto, foi encontrado que 10,1% dos respondentes apontaram que quase nunca os professores tomaram essa atitude.

No que concerne aos funcionários, 44,3% foram apontados como interventores nessa situação. Assim como os professores, muitas vezes (24,2%) e às vezes (20,1%) foram apontados como interventores nessa situação (vide Tabela 7). Vale ressaltar não só o maior peso na intervenção dos funcionários, 35,8% para os professores e 44,3 % para os funcionários, como também a diferença entre os considerados mais interventores (no indicador de “mais vezes”), 24,2% funcionários e 18,7% professores.

Outro dado importante é que segundo os alunos respondentes, 11,7% dos funcionários quase nunca tentaram parar os agressores. Considerou-se este valor significativo, levando-se em consideração a importância atribuída à presença dos funcionários no recreio (vide Tabela 8).

Discussão dos Resultados

O recreio foi confirmado como um espaço importante de atuação do *bullying* e conseqüentemente um espaço de ação da gestão escolar. Trabalhos diversos em *bullying*, revelam o recreio como o espaço de maior agressividade (Olweus, 1993; Whitney & Smith, 1993; Pereira, 1997; Pereira, 2008). Apenas no Brasil encontramos alguns trabalhos onde a sala de aula é o maior ambiente de agressividade. Esses resultados talvez sejam frutos de fenômenos culturais específicos (Abrapia, 2002; Fante, 2005). Segundo Pereira (2008), é necessário olhar para os recreios escolares não só pela necessidade de se lançarem novos olhares sobre estes espaços como também por serem os locais onde o *bullying* é mais frequente. Neto (1997) aponta que o recreio, na realidade portuguesa, é uma figura importantíssima, ou seja, segundo o autor, é o único momento que a criança portuguesa tem para fazer amigos e gozar o tempo livre. Pereira (2008) aponta que:

“um dos primeiros passos visando a valorização dos recreios como espaço e tempo de educação é discutir e definir os comportamentos desejáveis dos alunos em todo o espaço escolar, na sala de aula ou no recreio. Este não deve ser o local de “ninguém” e de “acertos de contas”, mas pelo contrário, um tempo e um espaço de atividade lúdica, onde as crianças não se aborrecem, mas gostam de estar” Pereira (2008, p.191).

Vale ressaltar que, mais de 70% dos alunos inquiridos, em média, apontaram apreciar a presença de professores e principalmente de funcionários, cerca de 80%, no ambiente do recreio. No que concerne à presença de funcionários, isso já parece existir em praticamente 90%. Entretanto, essa presença talvez necessite de qualidade, acompanhamento e principalmente treinamento por parte da escola ou mesmo de instituições/grupos competentes. Esse funcionário deve ser devidamente preparado, para que o mesmo desenvolva um acompanhamento não só punitivo ou mesmo, no outro extremo, figurativo, marcando presença, punindo os responsáveis, mas sem contribuir para uma autêntica melhoria das relações interpessoais e conseqüentemente do clima escolar vigente. Segundo Marriel *et al.* (2006), a dificuldade que o professor tem em identificar o *bullying* não se deve somente ao fato



de não haver denúncia por parte da vítima, deve-se considerar que a falta de uma formação continuada abrangendo o tema da violência escolar, que dê suporte ao professor no atendimento aos conflitos ocorridos em sala de aula, dificulta o discernimento entre violência e brincadeiras próprias da idade.

Um sinal relativamente claro de que o funcionário não estaria preparado para o *bullying*, diz respeito ao fato de que os alunos vitimados contam da agressão sofrida, segundo a pesquisa, em primeiro lugar, ao pai ou encarregado da educação (20,5%), ao professor ou diretor da turma em 17,3% das vezes e com menor porcentagem que os pais e/ou responsáveis aparecem os funcionários (13,5%). Nesse caso, a falta de confiança ou segurança ou até mesmo, empatia em relação ao funcionário é um sinal digno de atenção. Pereira (2001) já aponta que as crianças vítimas muitas vezes não contam que são alvo de agressões no recreio. Existe por parte dessas crianças um medo real de represálias. Uma maior confiança no professor, no funcionário ou mesmo no gestor do estabelecimento proporcionada pela melhora das relações interpessoais, poderia gerar mais apetência para comunicar as práticas agressivas.

Em um artigo recente, Holt *et al.* (2009) reconhecem que as políticas de combate ao *bullying* estão a aumentar. Os autores apontam, com base em Dounay (2007) que nos Estados Unidos já existe legislação anti-*bullying* em 17 estados. Os mesmos reconhecem que a aplicação desses programas em conjunto com as escolas, contando com a interação de alunos, pais e professores, gera uma maior eficiência no desenvolvimento de estratégias de combate ao *bullying*. Uma maior empatia nas relações professor e aluno também pode ser considerada uma boa estratégia de prevenção do *bullying*. Estudos indicam que as vítimas de *bullying* preferem realmente relatar o que esta ocorrendo aos pais e não aos professores (Fekkes, Pijpers & Verloove-Vanhorick, 2005). A partir do momento em que o professor e o próprio gestor escolar desenvolvam uma maior qualidade de comunicação com os alunos, não só as vítimas mais os agressores podem ser beneficiados.

Flouri e Buchanan (2003) ressaltam que os jovens que passam mais tempo sem a companhia de adultos e/ou com um pobre envolvimento afetivo com os pais são reconhecidamente maior utilizadores de *bullying* com seus pares. A presença do adulto torna-se indispensável, pois assegura a vigilância, permite a orientação dos jogos e possibilita a sugestão de brincadeiras. Ao mesmo tempo, a criança deve se sentir prestigiada e desafiada através de recursos estimulantes. A presença do funcionário não deve inibir a iniciativa da criança, nem o uso de sua vontade própria,

sendo o papel do adulto presente o de preservar a afirmação dessa autonomia. Um recreio que oferece aos alunos opções de recursos humanos preparados é importante, mas a proliferação de opções como jogos, brincadeiras, atividades físicas e/ou desportivas, desde que supervisionadas, pode transformar um ambiente agressivo e permissivo em função da pobreza de opções em um espaço lúdico e criativo.

A idéia de proteção está presente tanto em relação a professores quanto em relação a funcionários no recreio. Entretanto no que concerne aos pontos negativos dessa presença, apesar dos dados já observados, o professor é mais incômodo no recreio enquanto presença física do que o funcionário (20,6% - professores; 13,5% - funcionários). A forte tradição de presença física de funcionários no recreio, nas escolas pesquisadas, parece gerar uma familiaridade maior do funcionário nesse ambiente. Embora esse fato não se traduza necessariamente em confiança, a presença do mesmo não significa necessariamente um incômodo para os alunos. Apesar de haver um incômodo um pouco maior relacionado à figura do professor no recreio, em comparação aos funcionários, os números demonstram que um treinamento mais atento, pode melhorar essa relação, já que (por volta de) 80% dos respondentes, não apontaram o professor como uma presença incômoda nesse ambiente.

Em relação às ações de professores e funcionários, os resultados se mostraram mais nebulosos, o que demonstra uma certa irregularidade e até um certo despreparo em relação a essas ações. Os alunos demonstraram, antes de tudo, desconhecer mais categoricamente o papel de cada um desses atores na realidade educacional vigente. Cerca de 35,8% dos respondentes destacaram que o professor agiu de uma forma mais categórica, em algum momento, contra o *bullying*, sendo que no caso dos funcionários 44,3% foram apontados como interventores; números que não surpreendem, em função da maior presença de funcionários no recreio e mesmo nas instalações da escola como um todo.

É importante observar que, mesmo sem um treinamento mais específico, observa-se um maior peso na intervenção dos funcionários, em relação aos professores (24,2% funcionários e 18,7% professores). Outro dado importante é que segundo os alunos inquiridos, 11,7% dos funcionários quase nunca tentaram parar os agressores. Esses números seriam extremamente significativos, levando-se em consideração a importância (segundo a pesquisa) da presença dos funcionários no recreio. Por que esses funcionários, segundo os alunos, não tomavam atitudes diretas



e proporcionais à sua autoridade em relação aos atos de *bullying* no ambiente escolar? Novamente a variável treinamento entra em voga. Um maior treinamento, dando a esse profissional maiores recursos técnicos e até o próprio conhecimento sobre o *bullying* e suas consequências para a vida futura da vítima seriam aspectos relevantes em relação a esses resultados. Uma brincadeira engraçada/cômica aos olhos de um adulto pode ser trágica para aquele menino ou menina, podendo o(a) mesmo(a) ficar psicologicamente marcado(a), para sempre, em sua vida pessoal e profissional. Boulton (1995) destaca também o fator tempo como fundamental. A escola deve intervir o mais rápido possível, sob pena de se desenvolver fortes padrões de agressividade nas crianças, com formação de grupos perigosamente coesos.

Um dado importante no estudo de alternativas ao *bullying* diz respeito ao desenvolvimento de atividades extra classe/curriculares, atividades estas muitas vezes, sem uma supervisão adequada. Peguero (2008) encontrou algumas evidências de que, os alunos que participam no desporto federado (com supervisão, constante presença de técnicos e com significativo reconhecimento social) têm menores possibilidades de serem vitimizados pelo *bullying*, principalmente os atletas escolares que têm menores possibilidades de serem intimidados. No entanto, os alunos que participam de diversas atividades extracurriculares, na escola, tem maiores chances de serem vitimizados, pois passam um maior número de horas no ambiente escolar e portanto ficam mais susceptíveis a eventuais infratores. A simples participação em atividades socializantes não significa obrigatoriamente uma melhora nos índices de pacificação das relações escolares. Nesse caso, uma atividade desportiva ou de lazer, sem a devida supervisão pode ser um espaço onde se incrementaria o *bullying*.

Segundo Pereira (2008), a supervisão dos espaços e tempo de recreio é fundamental, mas deve ser feita de uma forma organizada, sendo feita uma cuidadosa análise dos problemas existentes em cada escola. Os adultos envolvidos diretamente com esse universo devem ter formação adequada para saber como agir. Existem boas razões para supor que a relação de confiança, entre funcionários e alunos, ajuda a reduzir os níveis de agressividade entre as crianças, pois muitas vezes estas se apresentam relutantes em relação à comunicação da sua condição de vitimização. É inegável que o espaço do recreio, sendo importante e representativo nesse estudo, deve ser um espaço dinâmico e equipado, com jogos, diversificação dos espaços, etc. Um treinamento adequado dos recursos humanos e uma ocupação mais racional e rica em alternativas dos tempos livres nas escolas é uma questão muito importante para os gestores escolares, principalmente no que concerne a questão do *bullying*.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, M. (Org.). (2002). *Escola e Violência*. Brasília: Unesco / Ucb.
- ABRAPIA, (2002). *Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência*. Acedido em 29 de Maio de 2009 em www.abrapia.org.br
- Almeida, F. J. (2009). Entrevista à revista Nova Escola. Ed. 221, vol. 04.
- Almeida, K. L., Silva, A. C., Campos, J. S. (2008). Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. *Rev Pediatr*, 9(1), 8-16.
- Araujo, S., McIntyre, T., & McIntyre, S. (2005). Bullying at work and organizational climate: A study in Portuguese workers. *Psychology & Health*, 20, 15.
- Blin, Jean-François. (2005). *Classes Diffíceis: Ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares*. Porto Alegre: Artmed.
- Bolger, N. et al. (Org.).(1988). *Person in context: developmental processes*. New York: Cambridge University Press.
- Boulton, M. J. (1995) Playground Behavior and Peer Interaction Patterns of Primary School Boys Classified as Bullies, Victims and Not Involved. *British Journal of Educational Psychology*, 65: 16-177.
- Blatchford, P. & Sharp, S. (1994). *Breaktime and the school: understanding and changing playground behaviour*. London: Routledge.
- Ministério da Saúde. (2006). *Violência faz mal à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- Carvalhosa, S. F., Matos, M. G. & Lima, L. (2002). Bullying-A provocação/ vítima entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (XX), 571-585.
- Cleary, M; Sullivan, K & Sullivan, G. (2006). *Bullying en la Ensenanza Secundaria/ Bullying in High School* (Paperback). Madrid: Planeta Pub Corp.
- Cleary, M; Sullivan, K & Sullivan, G. (2003). *Bullying in Secondary School*. London: Sage Publications.
- Dounay J (2007). *State Anti-bullying Statutes*. Acedido em Março de 2006 em <http://www.ecs.org/clearinghouse/60/41/6041.htm>
- Espimheira, Gey. (2004) *Sociabilidade e Violência: Criminalidade no Cotidiano de Vida dos Moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador*. Salvador: Ministério Público do estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz* (2. ed.). Campinas, SP: Versus.
- Fekkes, M., Pijpers, F. I. M., & Verloove-Vanhorick, S. P. (2005). Bullying: who does what, when and where? involvement of children, teachers, and parents in bullying



- behavior. *Health Education Research: Theory and Practice*, 20, 81-91.
- Flouri, E. & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement in childrens later mental health. *Journal of Adolescence*, 26, 63-78.
- Fonseca, M. (2003). Projeto político pedagógico e o Plano de Desenvolvimento da Escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar. *Caderno Cedes*. Campinas: SP, 23(61), dez.
- Holt, M. K., Kaufman K. G. & Finkelhor, D. (2009). Parent/Child Concordance about Bullying Involvement and Family Characteristics Related to Bullying and Peer Victimization. *Journal of School Violence*, 8(1), 42-63.
- Lopes, A.A.N, (2005) Bullying-comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal Pediatria*. Rio de Janeiro.
- Lopes, A. A. N. & Saavedra, L. H. (2003). *Diga NÃO para o Bullying!* Rio de Janeiro: Abrapia.
- Lorenz, K. (1966). *On Aggression*. New York: MJF Books.
- Lucas, Peter. (1997). Pequeno relato sobre a cultura da violência no sistema escolar público em Nova York. In: *Revista contemporaneidade e educação*. Rio de Janeiro, IEC, ano II, 2, 70-95.
- Marinho, M.L., & Caballo, V.E. (2002). Comportamento anti-social infantil e seu impacto para a competência social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 3(2), 141-147.
- Martins, M.J.D. (2005). O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1), 93-115.
- Marques. A.; Neto, C. & Pereira, B. (2002). Changes in school playground to reduce aggressive behavior. In M. Martinez (Ed.) *Prevention and control of aggression and the impact on its victims* (pp.137-145). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Marques A. R., Ferreira Neto C. A., Pereira, B. & Angulo, J. C. (2005). Bullying no contexto escolar: jogo e estratégias de intervenção. *Cinergis*, 6(1), 81-95.
- Marriel, A. L. C., Assis, S. G., Avanci, J. Q. & Oliveira, R. V. C(2006). Violência Escolar e Auto-estima de Adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 36(127), 35-50.
- Mascarenhas, S., & Almeida, A.T. (2006). Gestão do bullying e qualidade do bem-estar docentes e discente na Educação de Jovens e adultos do Brasil (Rondônia). In I. leal, J. Pais-Ribeiro & S. Jesus (Eds.), *Actas 6º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – Saúde e qualidade de vida* (pp. 83-90). Lisboa: ISPA.
- Mc Grath, Mary Jô (2007) *School bullying: tools for avoiding harm and liability*.

Thousand Oaks, CA: Corwin Press.

- Michaud, Y. (1989). *A violência*. São Paulo: Editora Ática.
- Minayo, M.C.S. (2003) Violence against the elderly: the relevance of an old health problem. Rio de Janeiro, *Cad. Saúde Pública*, 19(3). Acedido em 9 de Março de 2007 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300010&lng=es&nrm=iso
- Minayo, M.C.S. (2006). *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Minayo, M. C. S. (2005). Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida. *Salud Coletiva, La Plata*, v.1, n.1: 69-78
- Nation, M., Vieno, A., Perkins, D. D. & Massimo, S. (2008). Bullying in School and Adolescent Sense of Empowerment: An Analysis of Relationships with Parents, Friends, and Teachers. *Journal of Community & Applied Social Psychology J. Community Appl. Soc. Psychol.*, 18, 211–232.
- Neto, C. (1997). Tempo & espaço de jogo para a criança: rotinas & mudanças sociais. In C. Neto (Ed.). *O jogo e o desenvolvimento da criança* (pp. 10-22). Lisboa: Edições FMH.
- Newman, R. S., & Murray, B. J. (2005) How students and teachers view the seriousness of peer harassment: When is it appropriate to seek help? *Journal of Educational Psychology*, 97(3), 347-365.
- Nogueira, R.M.C.P.A. (2005). A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. Madrid: *Revista Iberoamericana de Educación*, 37, 93-102.
- Olweus, D. (2004). The Olweus Bullying Prevention Programme: Design and Implementation Issues and a New National Initiative in Norway. In P. K. Smith, D. Pepler & K. Rigby (Eds.), *Bullying in Schools: How Successful Can Interventions Be?* Londres: Cambridge University Press.
- Olweus, D. (1978). *Aggression in the schools: Bullies and whipping boys*. Washington, D.C.: Hemisphere (Wiley).
- Olweus, D. (1993) *Bullying at school: what we know and what we can do*. Blackwell Publishing,.
- Olweus, Dan. Modelo do programa de combate ao Bullying do Professor Dan Olweus. Acedido em Junho de 2007 em <http://modelprograms.samhsa.gov/pdfs/FactSheets/Olweus%20Bully.pdf>.
- Peguero, A.(2008). Bullying Victimization and Extracurricular Activity, *Journal of School Violence*, 7(3), 71-85.
- Pereira, B. (2001). A violência na escola – Formas de prevenção. In B. Pereira & A. P.



- Pinto (coords.), *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir* (pp. 17-30). Porto: Asa.
- Pereira, B. O (2007). Bullying na escola e as políticas educativas. In M. A. Behrens & D. Vosgerau (orgs.), *Discutindo a Educação na Dimensão da Práxis* (pp. 203-218). Curitiba: Champagnat.
- Pereira, B. O. (1997). *Estudo e prevenção do bullying no contexto escolar. Os recreios e as práticas agressivas da criança*. Dissertação de Doutoramento em Estudos da Criança. Universidade do Minho: Instituto de Estudos da Criança.
- Pereira, B. O. P. (2002). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia.
- Pereira, B. O. P. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.
- Pereira, B. O., Almeida, A. T., Valente, L. & Mendonça, L. (1996). O bullying nas escolas portuguesas. Análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema. In A. Silvério & Araújo (orgs.). *Actas do II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia* (pp. 71-81), Universidade do Minho, Braga.
- Pereira, B. O., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25 (2), 207-222.
- Piedra, R. R., Lago, A. S. & Massad, J. L. P. (2006). Crianças contra crianças: o bullying, uma perturbação emergente. *An Pediatr (ed. port.)*, 1(2), 101-4. Acedido em 5 de Setembro de 2008 em <http://www.aeped.es/anales/portugues/vol1n2/8-artigo-especial-criancas.pdf>
- Pupo, K. R. (2007). *Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenómeno sob a perspectiva de género*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação (FE). Universidade de São Paulo.
- Sanchez, R.N. & Minayo, M.C.S.(2004). Violência contra crianças e adolescentes: questão histórica, social e de saúde. In BRASIL. Ministério da Saúde. *Violência faz mal à saúde de crianças e adolescentes* (pp. 29-38). Brasília: Ministério da Saúde.
- Sanchez, R. N. & Minayo, M.C.S. (2006). Violência contra Crianças e Adolescentes: Questão histórica, social e saúde. In C. A. Lima (Ed.), *Violência faz mal à saúde:*

- série B – textos básicos de saúde (pp.29-38). Brasília: Ministério da Saúde.
- Santos, M. R. (2004b). Violência(s) na escola. *Psychologica*, 36, 163-174.
- Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (23), 97-110.
- Smith, P. K. & Sharp, S. (1994). *School Bullying. Insights and perspectives*. London: Routledge.
- Smith, P., Pepler, D. & Rigby, K. (Eds.). (2004). *Bullying in schools. How successful can interventions be?* Cambridge: University.
- Whitney I. & Smith P.K. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, 35, 3-25.